



A DESTERRITORIALIZAÇÃO DA LÍNGUA COMO ATO POLÍTICO DE RESISTÊNCIA

Louise Ribeiro da Cruz

Orientadora: Maria Lúcia Wiltshire de Oliveira

Mestranda

RESUMO – Em *Kafka: Por uma literatura menor* (Autêntica, 2014), Gilles Deleuze e Félix Guattari defendem a desterritorialização da língua ser ato político de resistência e, por conseguinte, ato revolucionário. Maria Gabriela Llansol revoluciona a língua pátria ('língua maior'), pois faz a 'língua menor' – que criou em suas obras – escapar da impostura da 'língua maior' e de sistemas vigentes. Assim, sua 'língua menor' escapa do comumente estabelecido, conhecido e aceito. Tendo isso como foco, investigam-se, de forma conjunta e comparada, as escritas de *O Livro das Comunidades* (LC) (Afrontamento, 1977) e de *Uma data em cada mão - Livro de Horas I* (LHI) (Assírio & Alvim, 2009), no que concerne ao fato dessa, obra de traço 'referencial', ser laboratório físico e, especialmente, subjetivo que possibilitou Llansol engendrar aquela, de rubrica declaradamente 'ficcional'. Na investigação, como objetivos específicos busca-se: definir o estatuto da imagem e sua relevância na escrita llansoliana; analisar a problematização da *escrita de si* nos dois livros; urdir fragmentos de LHI e LC que enfatizem a criação de imagens em entre-lugar cujas indecidíveis fronteiras mesclam o referencial e o ficcional nas duas obras; e mostrar que ambas foram escritas por impulsos e intuições que extravasam a representação tradicional. No quadro teórico-metodológico, a desterritorialização da língua permite-nos refletir e afirmar que escritos llansolianos oferecem, em tempos de crise, expressivas possibilidades de resistência à impostura da língua.

PALAVRAS-CHAVE: impostura da língua; resistência; desterritorialização; livro-fonte.

Essa comunicação aborda a questão da desterritorialização da língua como ato político de resistência nas obras *Uma data em cada mão - Livro de Horas I* e *O Livro das Comunidades*, ambas da escritora Maria Gabriela Llansol.

Os dois livros entrelaçam história e ficção, utilizando-as como alicerce para construção de universos que têm como ponto de partida outros textos históricos e literários num processo que ‘reduz a distância entre o passado e o presente’, ao mesmo tempo em que reescreve acontecimentos dentro de novo e contemporâneo contexto, possibilitando a pulverização e o direcionamento de olhares, principalmente no que tange às atitudes de oprimidos e de opressores.

Tal entrelaçamento favorece o enaltecimento de vozes silenciadas –as quais Llansol denomina Figuras–por intermédio dos *locus Uma data em cada mão - Livro de Horas* e *O Livro das Comunidades*.

E é nesse entrelaçamento onde ocorre a desterritorialização da língua como ato político de resistência e, por conseguinte, ato revolucionário; esses consoantes ao pensamento defendido por Gilles Deleuze e Felix Guattari na obra *Kafka: Por uma literatura menor*.

Um dos silenciados que Maria Gabriela Llansol concede voz é o pastor saxão Tomás Müntzer. Nome não tão difundido hodiernamente na História da revisão teológica das doutrinas cristãs como os de Martinho Lutero e de João Calvino, Tomás Müntzer permite perceber outro aspecto relevante da Reforma Protestante ligado às transformações do mundo feudal ainda vigente no início da Idade Moderna, qual seja: a revolta sócio-religiosa que se alastrou por campos e cidades da Alta Saxônia (atual Alemanha) durante o período da Reforma Luterana.

Por ser potência criadora, na pena de Llansol, Müntzer– com seus pensamentos e ideais –enaltece no legente a ideia de ato revolucionário ao oferecer postura de resistência aos poderes invasivos de elites.

Durante seus estudos teológicos, Müntzer aproximou-se da doutrina luterana que iniciava seu desenvolvimento. Porém, rapidamente o pastor afastou-se das posições luteranas, principalmente pelo fato de Lutero ter se aproximado da nobreza alemã.

A crítica de Müntzer ao catolicismo não era apenas feita em decorrência de uma interpretação do evangelho; mas, também, em face da riqueza auferida pela Igreja Católica com aquilo que a História atualmente denomina ‘comércio’ ou ‘venda de indulgências’ –tipos

previstos de perdão papal e respectivos valores de pagamentos para expiação a atos de corrupção e de imoralidade cometidos.

As ideias de Müntzer uniram religião e política num período em que o feudalismo desestruturava-se na Europa ocidental. Essa postura conferiu àquele pastor saxão caráter revolucionário, principalmente depois do contato de Müntzer com anabatistas¹; o que criou, durante o século XVI, as bases teóricas das revoluções camponesas na Alta Saxônia.

Fato é que, se por um lado, os ‘vencidos’ em uma dessas revoluções camponesas – em LHI e LC, a Batalha de Frankenhausen ocorrida no dia 15 de maio de 1525 – tornaram-se servos dos senhores feudais; por outro, nos dois livros de Llançol não se relata o malogro dos camponeses, mas atravessa-se a batalha, não para recriá-la, sequer representá-la; mas sim para erigir – mediante *montagem*²; imagética entre História e Literatura – silêncios, vazios e imagens que exortam a luta e a afeição de Müntzer em favor de oprimidos e silenciados. Tanto que LHI e LC: (a) incitam reflexões em pessoas para quem a linguagem e os gestos não mudam³; e (b) fomentam e robustecem posicionamentos⁴ e ações de Figuras em relação a opressores e estruturas dominantes, pois se fazem *lócus* para vozes silenciadas. É manifestação de *lócus* para vozes silenciadas a passagem:

[...] a decadência deste povo sucedeu, quase sem transição, / ao seu período áureo / atribuíram a sua derrocada a epidemias / desencadeou-se, nas regiões limítrofes, uma sucessão / rápida de civilizações diferentes / atribuíram a sua derrocada a um invasor vindo do Norte / ou / a revoltas populares [encorajamento e empoderamento de silenciados] contra os padres cujo sacerdócio, / além de poderoso, era opressor [...] (LC, 1977, p. 78)

Em LC, há também espaço para externar, com ironia, o posicionamento de membros de classes dominantes – à época da Batalha de Frankenhausen, senhores feudais – como registrado na passagem: “O que mais amava era a morte dos camponeses que enterrava em

¹ Adeptos da seita protestante originada no século XVI, que desaprova o batismo da criança antes do uso da razão, e preconiza a reiteração do batismo na idade adulta, no caso dos que se houvessem batizado antes.

² Compilação de memórias involuntárias e tempos heterogêneos que, conforme Didi-Huberman: “traz consigo uma organização de tempos impuros, implicando um procedimento de montagem, não científico, do saber” (DIDI-HUBERMAN *apud* JUNG, 2010, p. 146-147).

³ “Como poderá opor-se à linguagem dos detentores do poder (esses sismos do poder)?” (LHI, 2009, p. 89).

⁴ “Como poderá inventar formas de comunicação de um grupo sem espaço?” (LHI, 2009, p. 89)

cada noite em lugares solitários; e separadas [//] as palavras [//] montanhas [//] e rios [//] e cabeças [//] e castigos”⁵.

Esses lugares [ficcionais de LC] são impregnados de relações de poder que se expressam em discursos de dominação e resistência contra camponeses. Discursos que tentam angariar espaço nas duas obras para “faze[re]m ouvir o inaudito e ver o imperceptível”⁶.

Combinando considerações desses parágrafos, vemos que, diferentemente de lugares ficcionais, a História mostra que os vencidos permaneceram sob o jugo dos senhores feudais e mantidos na condição de servos, mediante reforço do princípio luterano da passiva submissão à autoridade, como pode ser observado na seguinte passagem de LC: “A volver-se poeira, Tomás Müntzer ouvia o tropel dos cavalos cada vez mais distante. Nunca morrera antes. Tinha a consciência de que Pégaso se afastava”⁷.

Enfim, LHI e LC não confirmam – de maneira sistematizada e com firmeza científica – o exposto como ‘verdades’ por ciências ou áreas de conhecimento como, para o caso de Müntzer e a Batalha de Frankenhausen, a História. No entanto, “as acções e decisões do nosso quotidiano não decorrem inteiramente da ciência e da lógica, mas sim de afecções que não são menos verdadeiras”⁸.

Em LHI e LC há ‘outras verdades’, tal como versões de ‘vencidos em guerra’. Nesse escopo, Llansol transmite leituras e compartilha-as com figuras e legentes, para que novos sentidos sejam construídos e palavras literárias adentrem e incutam-se na alma de cada ser transformando-lhe em *corp’a’screver*. E, assim, “as palavras se auto-tatuam em sua pele, desfigurando-o, despersonalizando-o, decompondo-o em vários elementos literários [...]”⁹.

Para clarificar mais a questão da existência de ‘outras verdades’ –ou, segundo outra forma de dizer, a impossibilidade de ‘verdades definitivas’ em LHI e LC–, exemplifica-se e explica-se a respeito da condição de um cego e o céu. O cego não perguntaria como é o céu; pois esse, ele pode ter noção do que seja pela sensação de paz, harmonia, pureza, felicidade,

⁵LHI, 2009, p. 53.

⁶PAZ, 1994, p. 11.

⁷LC, 1977, p. 53.

⁸LOPES, 2003, p. 214.

⁹PIMENTEL, 2010, p. 12.



calma (entre outras) que se pode atribuir ao céu (e os diferentes nomes que ele tem nas diversas culturas espalhadas pelo mundo como, por exemplos: Nirvana, Shangrilah, etc). O signo que lhe corresponde pode ser representado pela sensação de paz e harmonia. O mesmo não acontece se o cego perguntasse como é o azul, visto que o signo que lhe corresponde está vinculado a uma percepção visual da cor não foi propiciada a um cego de nascença. É o mesmo que tentar explicar para alguém: o que acontece depois da morte, se Deus realmente existe, se existe vida em outro planeta, e se existe reencarnação. Destarte, verdades são aquilo em que se quer acreditar. Elas estão dentro de todos (Llansol, figuras e legentes). O céu está dentro do cego, a cor azul não está. Só ele (o cego) pode descrevê-la.

Questões filosóficas trespassam LHI e LC. Especificamente para abordagem voltada à ideia de resistência e de sujeitos silenciados, a Filosofia, a História e a Literatura são alicerces e/ou pontos de partida para outros questionamentos e posicionamentos que inquietam a existência humana e podem contribuir substancialmente para maior aprendizado acerca de aspectos que incitam todos nós. Uma das inquietações relaciona-se à busca de formas de convivência humana sem que tenhamos previamente reduzidas dificuldades de convivência com eus que nos povoam. Essa aporia desencadeia epidemia de desconexões subjetivas. Assim, duvida-se da própria existência, abrindo campo fértil para o pensamento e, se se pensa, logo existe – condição *sine qua non* ao Homem para ser existente. Tal posicionamento é confirmado na escrita de si posto que:

Na experiência de se desdobrar para fora do mundo, nossos valores e certezas são questionados. Nesse sentido, a experiência do Fora nada mais é do que uma experiência revolucionária, contestadora. Como prática plástica, histórica e ética, o Fora põe a prova tudo aquilo que se acredita verdade universal e eterna. (LEVY, 2007, p. 38)

Se se duvida, pensa-se; se se pensa, logo existe – como condição *sine qua non* ao Homem para ser existente. Ler fomenta a capacidade do ser humano de pensar. Pensar transforma-o permitindo-lhe duvidar e questionar o mundo, afastando-o: do subjugo ideológico, dos interesses espúrios de elites dominantes, do comodismo irresponsável dos

ignorantes¹⁰ e do senso comum¹¹. Aquele que lê engrandece-se, tornando-se capaz de (re-)nascer, (re-)existir e resistir¹². É preciso morrer para renascer. Assim, aquele que lê e escreve: renasce; pois passará a ser e entender-se outra pessoa enriquecida em sua essência. Cômico de tal enriquecimento, esse indivíduo poderá efetuar questionamentos sobre o como e o porquê de determinados fatos ocorrerem. Vale observar que não são as respostas que movem o mundo; mas sim, as perguntas. Se não ocorrerem perguntas, respostas não serão necessárias, o que faria o mundo imergir, *reductio ad absurdum*, em inanição. Na busca de possíveis respostas a interrogações, o grande beneficiado não será apenas essa pessoa, individualmente; será – em maior análise – a existência humana. Dessa forma, compreende-se a leitura e a escrita serem atos libertadores.

Todavia, a despeito de libertados com a leitura e a escrita, cada sujeito não é autônomo. É certo que ninguém cria nada sozinho. Todo ser necessita viver de forma coletiva; daí a imprescindibilidade de uma comunidade de afetos – idealizada por Llansol – ter sido germinada em LHI e frutificada no livro-fonte (LC) para novos frutos advirem naqueles que comungam tais afecções e resistem à impostura de sistemas vigentes.

E aquele que lê e escreve: resistirá e (re)existirá pois, aumentando seu vocabulário, conhecimento geral e capacidades de abstração e de expressão, passará a ter novas ideias, podendo assumir abrangentes, aprofundados e robustos posicionamentos. Estará mais habilitado a atuar, proativamente com capacidade de análise crítica e reflexiva perante realidades circundantes de grupos sociais que integra. E, em maior abrangência, do mundo que o cerca.

Também resistirá e (re)existirá, pois clarificará e confirmará que sabe pouco ou quase nada sobre aquilo que o cerca. Cômico dessa pequenez passará a entender porque é relevante desenvolver a capacidade de pensar por si só. Então reconhecerá que está imerso em

¹⁰ É possível referir-se à primal acepção do verbete ‘ignorante’: aquele que desconhece.

¹¹ Suposta compreensão do mundo resultante da herança fecunda de grupos sociais e das experiências atuais que continuam sendo efetuadas.

¹² “Devemos aos testemunhos de H. Arendt e M. G. Llansol a ideia-chave da possibilidade de re-nascer simbolicamente com cada resgate de momentos de um passado, com cada acto de risco, com cada transporte de novas aparições e inscrições no mundo das aparências.” (CADETE, 2016, p. 100).

espiral virtuosa cíclica que se move segundo o quadrinômio: existência, resistência, morte, renascimento e (re)existência.

Imersos em tal espiral, LHI e LC convidam e fomentam o leitor a ampliar perspectivas, frutificar questionamentos, duvidar da História e cessar de descrever da Literatura. Tudo isso, amalgamado, incita oprimidos – como proposto pela própria Llansol em excertos apresentados – a incorporarem novas práticas de escrita (“Hoje acontecia-me que, mal passava o ferro, mal lavava os pés (qualquer trabalho) tinha que pegar com a mão livre na caneta, deixar sempre outra mão livre para escrever”¹³) e de leitura (“Mas o livro tornara-se precioso, usara-o tantas vezes que, agora, era impossível fechá-lo completamente”¹⁴) como meios de usar a linguagem para emergir e difundir a voz de silenciados.

Assim, salienta-se a ideia de que a condução de resistência pode convocar outras resistências em cadeia, posto que o corpo, a carne de Müntzer pereceu mas seu pensamento, ideias e ideais e, por conseguinte, resistência escoarão pela boca de simpatizantes de sua causa. Assim, o âmago que dá luz e move a resistência não é estético; é ético, tal como defende Alfredo Bosi em seu livro *Literatura e Resistência* (BOSI, 2008, p. 118 e 134).

Müntzer não foi o único a resistir e sofrer, visto que “nas cavernas em que vivem, São João da Cruz e Tomás Müntzer haviam-se tornando insensíveis às perseguições: [...]”¹⁵, isto é, outra figura (São João da Cruz) também foi silenciada. Outro trecho também confirma isso: “De vez em quando São João da Cruz, com os lábios com que ora, beija-lhe a boca e pressinto que uma palavra sua desliza [i.e., transmite seu pensamento], pela garganta de Müntzer que, nesta batalha, se volveu poeira [foi silenciada]”¹⁶ (interpolações nossas).

Nesse ponto de meu raciocínio, importante se faz apresentar questionamentos de Tatiana Salem Levy expostos em seu artigo intitulado “O Fora como o (não-)espaço da literatura”¹⁷ no qual essa escritora indaga: “que poderes é preciso enfrentar e quais são nossas

¹³ LHI, 2009, p. 144.

¹⁴ LC, 1977, p. 33.

¹⁵ Ibidem, p. 64.

¹⁶ LC, 1977, p. 53.

¹⁷ In: BRUNO, Mário; QUEIROZ, André; CHRIST, Isabelle (Orgs.). *Pensar de outra maneira – a partir de Cláudio Ulpiano*. Rio de Janeiro: Pazulin, 2007.

possibilidades de resistência em cada época? [...] quais são nossos modos de existência, nossas dobras, nossos processos de subjetivação?”¹⁸

Minha leitura e respostas críveis a tais perguntas é que nesses processos, “existe [tácito] medo [do homem] de encarar [resistir a] as estéticas do mundo”¹⁹, posto que esse é predominantemente [um processo] estético.

E uma das estéticas levadas a cabo por Llansol é a desterritorialização da língua maior. “Resistir é devir-outro, é despertar o outro que existe em nós mesmos, como o impensado que existe no pensamento. Resistir é tornar-se estrangeiro, estranho na própria cultura, é devir-menor, tornar-se nômade, exilado, errante”²⁰.

A desterritorialização implica confronto à situação de submissão, permitindo a passagem do individual para o coletivo— como denominado por Llansol, uma geografia de rebeldes. É nessa geografia que aflora uma língua menor que escapa da impostura da língua, da territorialidade espaço-temporal forçada.

A língua menor propicia fugas, buscas, encontros e agenciamentos entre o diverso e o inesperado. E o ato de escrever nessa língua menor produz incontestemente separação, pois leva a escrevente Llansol e legentes a saírem de si e encontrarem novos devires em simultaneidade. Ato de escrever no qual tal exterioridade é algo que pertence tanto a ambos quanto ao Outro. E o contato com esse Outro é algo próprio; algo que pertence, especialmente, à vivência de cada um de nós.

Se na afeição pela causa (coletiva) campesina Müntzer dá voz aos camponeses, Ana de Peñalosa, de sua parte, luta (individualmente) por seu filho ao reclamar injustiças cometidas pelos Senhores contra Müntzer: “O meu filho capturado, encarcerado e torturado, teve de declarar que reconhecia os erros de que acusavam e morrer decapitado a 27 de Maio de 1525”²¹. Esta, tomada por uma dor praticamente inenarrável – “uma tristeza impossível de ser narrada”²², pois “a guerra

¹⁸ LEVY, 2007, p. 72.

¹⁹ SILVEIRA, 2004, p. 49.

²⁰ LEVY, 2007, p. 137.

²¹ LC, 1977, p. 59.

²² Ibidem, p. 82.

e a dor são impensáveis”²³ – o quanto ele sofreu; tão somente para narrar sua condição de silenciado. Por nutrir amor tão intenso pelo filho, Ana de Peñalosa recolhe resquícios [poeira] do que outrora fora o corpo de Müntzer no curso da História: “Seu filho, João, não se admirou com o pedido e, uma noite, Ana de Peñalosa reuniu a poeira do corpo de Müntzer”²⁴ (interpolação nossa). Fenati (2014a) corrobora o posicionamento apresentado quando esclarece que:

[...] Tendo perdido a batalha de Frankenhausem, em que os chefiava, Müntzer foi decapitado. Nessa cena, e ao longo de todo o livro, é como se estivesse ainda na eminência da batalha, que não foi cumprida no seu desígnio de propiciar a comunidade do ‘homem novo de que desde os anacoretas cristãos se ouve falar: ‘Sabiam/que ia travar-se/uma batalha./O cavalo/já chegada/a seu lado.’ (LC, 1977, p. 41). [...] (FENATI, 2014a, p. 76-77)

Em LHI e LC, fuge-se do tradicional movimento significante-significado dos signos linguísticos para construir performática natureza de significações ‘referenciais’ e ‘ficcionais’. Fragmentos que se excedem mais que abrindo e revelando a poesia de: encontros e reencontros; descobertas e redescobertas; travessias e pujanças de uma escrita não-representativa. Fragmentos que se excedem estilizando e expondo riquezas e fruições de novos domínios de uso e sentidos das palavras. Fragmentos que derrocam a impostura da língua.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- JUNG, Ana Emília. A imagem como operação de montagem: uma abordagem da série Polaroids de Robert Frank. In: *Palíndromo*, teoria e história da arte, n.3, 2010, p. 145-170.
- LEVY, Tatiana S.. O Fora como o (não-)espaço da literatura. In: BRUNO, Mário; QUEIROZ, André; CHRIST, Isabelle (Orgs.). *Pensar de outra maneira – a partir de Cláudio Ulpiano*. Rio de Janeiro: Pazulin, 2007. ISBN: 978-85-86816-10-9. [Texto de Tatiana Salem Levy] Disponível em: <www.letras.ufrj.br/ciencialit/encontro/Tatiana%20Levy.doc>. Acesso em: 8 Fev. 2017.
- LLANSOL, Maria Gabriela. *O livro das comunidades*. 2ª ed. Lisboa: Lisboa: Afrontamento e Maria Gabriela Llansol, 1977.

²³LHI, 2009, p. 103.

²⁴LC, 1977, p. 55.



- _____. *Uma data em cada mão*; Livro de Horas I. Lisboa: Assírio & Alvim, 2009.
- LOPES, Silvína R. *Exercícios de Aproximação*. Lisboa: Edições Vendaval, 2003. p. 201-235.
- MOURÃO, José Augusto. Do amor puro ao puro amor sem distinção>>: Hadewijch de Antuérpia e Mestre Eckhart. In: BARRENTO, João (Org.). *Europa em sobreimpressão: Llansol e as dobras da história*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2011. (Coleção Arrábido, 9).
- PAZ, Octavio. *A dupla chama: amor e erotismo*. (Trad. de Wladyr Dupont). São Paulo: Siciliano, 1994.
- PIMENTEL, Davi A. Rascunhos de um pensamento arrebatador: Maurice Blanchot. In: *Todas as Letras P*, São Paulo, v. 12, n. 2, 2010, p. 72-79. Disponível em: <<http://www.bibliotekevirtual.org/revistas/LETRAS/v12n02/v12n02a09.pdf>>. Acesso em: 8 Fev. 2017.
- SILVEIRA, Jorge Fernandes da. *O beijo partido*. Leitura de Um beijo dado mais tarde: introdução à obra de Llansol. Rio de Janeiro: Bruxedo, 2004. 83p.